WORLD OF WARCRAFT
LEGION

BLIZZARD ENTERTAINMENT

Espelho Negro

Steve Danuser

Nathanos Marris fechou os olhos e inalou profundamente por um nariz que havia sido quebrado mais vezes do que ele podia contar. Um traço de outono perdurava no ar parado e úmido, misturando-se ao aroma de flores silvestres brotando entre as lajes que marcavam a trilha. Era um bom aroma. Familiar, da terra. Um aroma que ele estava determinado a jamais abandonar.

As botas da general-patrulheira não fizeram ruído quando ela se aproximou. Como sempre, Sylvana Correventos cheirava aos jardins de rosas nativos de sua altiva cidade élfica. Nathanos reconheceria a fragrância em qualquer lugar.

Por um longo tempo o humano ficou em silêncio, apreciando a companhia. Os únicos sons eram os dos pássaros celebrando o sol poente e o suave balir das ovelhas pastando pouco além da cerca de madeira que ele ajudara o pai a construir, quando era garoto.

Ele abriu os olhos. Da pequena elevação, toda a fazenda Marris se oferecia a seus olhos. A casa onde ele vivera a maior parte da vida. Os celeiros que precisavam ser reforçados antes do inverno. O trigo quase pronto para a colheita.

Seu lar.

Nathanos amava aquela vista. Tinha orgulho dela. Talvez por isso ele tenha deixado o momento perdurar um pouco, antes de fazer o possível para arruiná-lo.

"Você não deveria estar aqui", grunhiu ele.

"Jeito interessante de falar com sua comandante", respondeu Sylvana, voltando-se para ele. Apesar do divertimento leve que brincava em seus lábios, os olhos dela evidenciavam uma força de vontade férrea que emanava autoridade. Vestida em couro tingido de azul e com um arco ornado dependurado nas costas, ela o fazia se sentir um tolo com roupas rotas de trabalho diário e a barba desmazelada.

Nathanos balançou a cabeça. "Você sabe muito bem o que quero dizer, Sylvana. Os Andarilhos têm reclamado desde que você me promoveu a lorde patrulheiro. Suas visitas têm chamado a atenção, e suas patrulheiras tão nobres fofocam mais que lavadeiras no rio".

Ela puxou o capuz cerúleo e deixou os longos cabelos dourados caírem livres em cascata. "Jamais imaginei que você se importaria com a opinião dos outros a seu respeito". As palavras da elfa superior pingavam um melaço enjoativo de simpatia fingida que testava sua paciência.

Ele rilhou os dentes, frustrado. Irritava-o que Sylvana tivesse se acostumado tanto aos seus modos rústicos a ponto de não lhes dar maior atenção. "Aqueles fofoqueiros podem dizer o que quiserem sobre mim. Mas você é a líder deles, e não pode perder o respeito."

Sylvana afastou alguns fiapos de cabelo ruivo dos olhos de Nathanos. "Como general-patrulheira, eu tenho o dever de receber os relatórios dos meus batedores em campo. E já que você se esconde aqui nas selvas de Lordaeron em vez de me servir em Quel'Thalas, eu sou obrigada a visitar você de vez em quando."

Ele deu de ombros. "É melhor eu ficar longe mesmo. Não tenho paciência para a intriga da sua cidade. Aqui eu posso pensar... respirar. Prazeres simples que me são impossíveis à sombra das suas torres ancestrais."

"Lor'themar diz que você se esconde aqui porque tem medo dos arqueiros élficos", disse ela, erguendo uma sobrancelha.

"Lor'themar Theron é um tolo! Ele serve mais pra político do que pra patrulheiro. E minha mira não deve nada à dele, flecha por flecha." Nathanos se impediu de falar mais. Sua irritação divertia Sylvana, e ele se recusava a lhe dar mais satisfação.

"Fico aliviada de saber o motivo do seu isolamento. Achei que talvez você tivesse se cansado da minha companhia". O sol poente iluminou a perfeita simetria das suas feições, seus olhos cinza-azulados faiscando à luz dourada. O efeito ocorreu como se cronometrado, e ele jurou que devia ser um feitiço que ela mantinha pronto para mudar o rumo de uma conversa ou distrair algum rival.

E funcionou, é claro. Ele prestou tributo à vaidade dela antes que pudesse se impedir.

"Não é que eu não queira você aqui, Sylvana. Mas o seu povo precisa da general-patrulheira por perto. Especialmente nesses tempos sombrios."

O cenho da elfa se franziu. "Você logo obterá o seu desejo. Eu vou me encontrar com minha irmã Alleria. Ela crê que os orcs estão de olho em Quel'Thalas e planejam atacar nossa terra natal. Se os medos dela se comprovarem, talvez você seja convocado de volta para defender Luaprata quer você queira estar lá ou não".

Ele tocou o braço dela, puxando-a para perto. "Sylvana, você sabe que eu cumprirei o meu dever, e..."

Antes que ele pudesse continuar, gritos agitados soaram pelos campos. "Nathanos!", gritou o menino, assustando as ovelhas ao avançar na direção do rebanho e agitar os braços. Quando chegou a uns dez metros dos patrulheiros, seu olhar se fixou na elfa superior e ele abriu a boca, pasmo. Ele quase caiu da cerca de madeira ao subir por ela, e finalmente parou a uma distância de um passo de Sylvana.

"General-Patrulheira Sylvana Correventos", começou Nathanos, "Eu apresento meu primo, Stephon Marris. Ele só tem nove anos, mas como você pode ver, sua falta de modos já se equipara à minha." Stephon corou ao ouvir isso. Nathanos o encarou firme, tentando não sorrir. Ele gostava da criança, que tinha cabelos e feições tão parecidas às suas. Stephon era uma lembrança constante de como era viver em um mundo em que tudo era maravilhoso e inédito.

"Bobagem, Nathanos," disse Sylvana, ajoelhando-se para ficar no nível da criança e concedendo-lhe um sorriso simpático. "Tenho certeza de que ele crescerá e ficará bem civilizado, apesar da sua influência".

"Você... Você é uma patrulheira? Como meu primo?" murmurou Stephon, arregalando bastante os olhos.

"Não, rapaz. Sylvana é bem mais do que isso. Ela lidera todos *os patrulheiros destas terras", disse Nathanos.*

O olhar de Stephon dardejava de um para o outro, e sua mente forcejava por encontrar algo que dizer.

A elfa superior se inclinou na direção do menino, sussurrando como se compartilhasse um segredo: "Você quer ser um patrulheiro quando crescer?"

O primo de Nathanos sacudiu a cabeça com o vigor da juventude. "Eu quero ser um cavaleiro com armadura brilhante e uma espada enorme e um castelo só meu! Eu não quero viver no mato nem disparar flechas das árvores". Uma expressão de pânico o acometeu. "Não que os patrulheiros não sejam... eu quis dizer foi... eu teria orgulho de trabalhar para a senhora, general!"

Uma risada escapou dos lábios de Sylvana, suave e melódica. Nathanos suspirou entredentes. "Está ficando tarde, Stephon. É melhor ir para casa e parar de incomodar minha comandante".

Antes que o menino corresse, Sylvana o alcançou com graça felina e tomou sua mão. "Fique com isso", disse ela, colocando uma moeda de ouro em sua palma, "até seu primo decidir que você já cresceu o bastante para comprar sua primeira espada."

De tão intenso, o sorriso de Stephon quase podia iluminar os campos que se escureciam. "Obrigado! Obrigado!" Ele pulou, subiu pela cerca e correu pelo campo, fazendo as ovelhas balirem ao afastá-las da frente. "Eu vou ter minha própria espada!", gritou ele, para ninguém em particular.

"Agora você conseguiu", grunhiu Nathanos. "Ele nunca mais vai parar de falar daquela moeda".

Ela se levantou e ficou observando Stephon até ele desaparecer do outro lado da colina. "Ele só precisa de alguém que acredite nele", disse ela. "Como todos nós precisamos, de vez em quando". O anelo na voz de Sylvana o fez se perguntar como ela teria sido quando jovem.

Eles ficaram em silêncio por um tempo enquanto os últimos raios do sol sumiam. O zumbido dos insetos tomou o lugar da canção dos pássaros antes que outra palavra fosse dita por eles.

"Quando você vai partir?", perguntou ele, finalmente.

Ela lhe concedeu um sorriso sutil. "Pela manhã, creio. Está tarde, e você deve à sua general-patrulheira uma refeição... e sua companhia". Ela começou a caminhar em direção à casa. Ao passar por ele, as pontas de seus dedos roçaram as costas de sua mão.

Ele pensou por um momento sobre a politicagem incessante de Luaprata, o esgar de desaprovação de Lor'themar Theron, e a sombra da Horda que se aproximava. Parte dele ansiava por uma vida quieta, passada trabalhando na terra como seu pai e seu avô tinham tido. Ele poderia pedir dispensa dos Andarilhos e viver o resto dos seus dias ali na fazenda. Em casa. Mas para isso Nathanos teria que sacrificar algo mais precioso para ele que sua posição de lorde patrulheiro.

Seus pés começaram a seguir o gasto caminho até a casa e o calor da lareira que o esperava lá dentro, e ele soube que sua escolha estava feita. Que a politicagem fosse para o inferno. Que o mundo fosse junto! Ele tinha feito uma promessa a Sylvana, e nada iria separá-lo dela.

* * *

"Por que você hesita, meu campeão?"

A impaciência irritada aparente na voz de Sylvana arrancou Nathanos do véu diáfano das lembranças. Ele raramente pensava no passado. Aquela vida pertencia a outro homem, já morto havia muitos anos. Tudo o que um dia o definira como humano — sua casa, sua família, suas obrigações — eram coisas insignificantes e distantes, sem valor ou significado para a criatura que ele se tornara. Ele era o Arauto da Praga. Era um Renegado. E não servia mais a uma general patrulheira elfa superior.

Ele servia à Rainha Banshee.

"Eu não consigo entender qual o propósito disso". Por um rápido instante ele ficou chocado ao ouvir o timbre áspero e grave de suas palavras ecoando nas paredes de pedras escuras do Aposento Real. Era como se ele esperasse ouvir uma voz humana saindo de sua boca. Que tolo sentimental!

"O ritual deixará você mais forte", respondeu ela. Seus olhos rubros incandesceram enquanto ela andava pela plataforma no centro da imensa câmara circular. "E com as investidas da Legião nas terras da Horda, eu exijo que meu campeão seja forte".

Nathanos olhou de Sylvana para a estoica Val'kyr pairando ao lado dela. As asas abertas do espectro quase abarcavam os vinte passos entre duas das enormes colunas que ladeavam a plataforma. Embora a Cidade Baixa que sua rainha governava fosse repleta de fantasmas, carniçais e criaturas sombrias, a presença das Val'kyren, com as expressões ocultas atrás de pesados elmos, era a única coisa que realmente o inquietava. Ele ouvira dizer que essas imponentes donzelas guerreiras vraikalen outrora eram as guardadoras dos mortos, encarregadas de levar as almas dignas a um repouso honrado. Mas aquela ali, assim como suas irmãs, fora subjugada pelo Lich Rei, ordenada a forjar um exército para o mesmo monstro que tinha matado Sylvana Correventos e a amaldiçoara com a morte em vida.

Sua desconfiança o fez hesitar. Teria a rainha agido bem ao convocar tais criaturas para servi-la depois da derrota do Lich Rei? Ele logo se repreendeu e afastou a dúvida da mente. As Val'kyren tinham provado seu valor ao criar novos Renegados para a causa de Sylvana. A Dama Sombria sabia o que era melhor. Como sempre.

Ainda assim, ele não conseguiu resistir a provocá-la um pouco. "Se você acha que eu não sou forte o bastante, talvez seja melhor nomear outro campeão".

Os olhos de Sylvana incandesceram em uma chama rubra. "Por que você tem que ser tão difícil?" Ela emprestou à voz só um toque da força de seu grito de banshee e as tapeçarias nas paredes tremeram em resposta.

Ele gostou de vê-la irritada, mas teve cuidado de não demonstrar.

Depois de um instante de raiva silenciosa, a Dama Sombria reconquistou sua compostura. "O poder das Val'kyren preservará o meu corpo pelas próximas eras. Sua forma, outrora humana, como as de meus outros Renegados, não terá a mesma longevidade. Eu quero impedir seu apodrecimento, poupá-lo da dor que eu senti quando…"

Com um aceno rápido, ele sinalizou compreender as palavras não ditas. Apenas para Nathanos ela confiara a história do dia seguinte à queda do Lich Rei, quando ela sentira que seu propósito no mundo tinha se cumprido e procurou conquistar o descanso eterno que

há muito lhe era devido. Mas, ao arremessar o corpo nas rochas geladas sob a Cidadela da Coroa de Gelo, apenas a implacável fome do vazio aguardava por ela. Embora ela se recusasse a dizer as palavras, ele a conhecia o bastante para reconhecer quando medo verdadeiro acossava seu coração.

Seu pacto com as Val'kyren a salvara naquele dia, um fato pelo qual ele sentia-se egoisticamente grato. E, no entanto, se sua rainha tivesse se perdido, não haveria motivo para ele continuar naquele arremedo de vida. Se ela fosse condenada a uma eternidade de tormento nas trevas, pelo menos ele poderia dar um fim à sua própria existência e suportar a condenação eterna ao lado dela.

"Talvez", disse ele, "fosse melhor você me deixar partir".

O fogo se desvaneceu nos olhos dela. Por um instante, ele pôde vislumbrar a luz azul-acinzentada que costumavam emitir. Mas, no momento seguinte, estavam frios e severos novamente. "Por duas vezes o convoquei para me servir, Nathanos Arauto da Praga. Não estará dispensado até que eu assim determine!"

* * *

O mundo nadava em uma névoa espessa e fuliginosa. Não havia razão nem sentido, apenas ódio. Um ódio profundamente enraizado nos recônditos de sua mente, cujos tentáculos se contorciam como os ramos de uma videira e transpassavam seu âmago fétido. O homem que fora tinha sido assassinado. Seu sangue agora salgava a seara que um dia chamou de lar. A criatura habitava o cadáver, mas não tinha vontade própria. Não precisava dela. Existia apenas para servir ao Lich Rei.

Voltou-se para o chão, onde jazia o corpo parcialmente consumido de sua mais recente vítima. Um fluxo ardente de força invadiu seu o corpo ao arrancar um pedaço de carne do pescoço dela. Lembrou-se do êxtase de que fora tomado quando os gritos silenciaram; do terror solidificado naqueles olhos sem vida à medida que a devorava. Ansiando pela sensação novamente, arrancou outro pedaço.

Passaram-se dias ou anos desde sua reanimação? De nada importava. O tempo era fardo de mortais, e a dádiva do mestre o havia libertado. Agora, um único propósito dirigia suas ações — a compulsão por espalhar a peste da morte-viva por todo o antigo reino de Lordaeron. Arrasar a terra que sua alma humana havia amado. Se houvesse espaço para qualquer outra coisa que não fosse maldade em seu coração, ele teria rido muito, e por um bom tempo, da ironia.

Parou de comer e esperou. Esperou porque era a vontade do mestre que o fizesse.

Pouco depois ele sentiu. A mesma magia profana que reanimara seu corpo inerte, agora fazia com que o dela também se movesse. Assistia, estarrecido, enquanto o corpo de sua vítima erguia-se como membro do Flagelo, tão ávida por dar fim à vida quanto ele. Ela olhou para ele, o medo havia partido de seus olhos. No lugar, uma fúria incandescente.

Ela poderia ter aberto um sorriso, não estivesse sua mandíbula a balançar entre uns poucos fiapos de carne. Ele poderia ter sorrido de volta, não fosse o feixe de flechas que se cravaram no crânio dela. O corpo de sua nova companheira desmoronou num amontoado, sem cabeça, a contorcer-se.

Ele se virou para os atacantes. Três figuras usando capa avultavam-se adiante. Parte dele reconheceu as armas e sabia como um arco pode ser mortal, mas as lembranças eram vagas e fugidias. Não dava importância aos conceitos inúteis que perduravam na mente do finado. O ódio transbordava, exigindo que lhe dessem vazão.

No que o zumbi ameaçou atacar, o alvo ao centro emitiu uma ordem. Em total sincronia, as alas apontaram e dispararam uma chuva de pesadas flechas de ponta cega, perfurando suas pernas. Ele desabou. Sempre que tentava se levantar, mais flechas o derrubavam. Malditas criaturas! Não lhe ocorreu o motivo de as figuras de capa não o terem liquidado, como liquidaram a mulher. Só desejava afundar os dentes nas porções de carne expostas entre as partes das armaduras escuras. Uma vez que se unissem a ele no Flagelo, os arcos seriam desnecessários. O ódio seria a nova arma delas, como tornou-se a dele.

Ele farejou o ar para instigar a fome, mas o cheiro o deixou confuso. Os inimigos não eram humanos, nem elfos. Não eram vivos de forma alguma — estavam tão mortos quanto ele. Que motivo teriam tais criaturas para impedi-lo de satisfazer a vontade do mestre? O medo e a frustração de um animal subjugado apoderavam-se dele, e disparo após disparo mantinham-no de joelhos.

"Nathanos!"

Uma voz feminina o chamou pelo nome. Não. Aquele nome tinha morrido, deixado para apodrecer no solo pestilento do sítio dos Marris. Como ousava aquela criatura evocar sua memória!? A raiva se agitava em suas vísceras, intensa e violenta. Queria matar os intrusos, comer a carne deles, saciar a fome de morte.

Só que algo na voz da mulher de capa o paralisou. Seu próprio nome se convertera num comando e, com essa única palavra, ela alcançou a fúria que havia tomado o lugar da alma e a pegou em suas garras.

Não. O ódio. A vontade do mestre. Se esses três não vão se submeter, serão destruídos!

"Nathanos!" ela chamou novamente. Dessa vez, com a voz ululante que as banshees do mestre usavam em batalha. Tamanha intensidade o deixou surpreso. Teria ela sido enviada a mando do Lich Rei?

"Nathanos!" Com seu nome ecoando pela terceira vez, a clareza invadiu sua mente dissipando a nuvem de fúria.

Aquela voz. Claro.

Sylvana.

Ao retirar o capuz, a luz pálida e amarelada das Terras Pestilentas iluminou suas feições élficas. A pele, antes alva e cheia de vida, tornara-se acinzentada. O cabelo, que brilhara como fios de ouro, parecia opaco, sem brilho. Os revigorantes olhos azul-acinzentados, agora, vermelho-incandescentes. Uma efusão de tristeza embargou-lhe a garganta ao perceber que Sylvana também tombara. Mas a angústia deu lugar à admiração pela majestade aterradora contida em sua nova forma. Em vida, sempre considerou seu porte o de uma rainha. Na morte-viva, irradiava o poderio de uma deusa.

Baixou os olhos para a pele manchada dos próprios dedos deformados; tingidos de um vermelho escuro, pela morte que recentemente provocara. Um rompante de vergonha dissipou o prazer de se ver junto à Sylvana. A ideia de ela vê-lo naquele estado — um escárnio decrépito e torturante do que fora — o enchia de desgosto. Seu antebraço ergueu-se, quase que por vontade própria, a cobrir-lhe o rosto apodrecido.

"Sylvana", o som ríspido passando pelos lábios ressecados. Sua voz era irreconhecível, e ele percebeu que aquela era a primeira palavra que proferia desde sua morte. Uma vez conscrito, a serviço do Lich Rei, nunca mais precisou falar — apenas matar.

"Vim até você, Nathanos, para tê-lo de volta ao meu lado".

Ele era indigno dela. De sequer olhar para ela. Ainda assim, a força e o poder dela o aprisionavam, obrigando o braço a baixar, para que seus olhos pudessem encontrar os dela. "Pode ver o que... me tornei", rosnou. "Por que iria querer que um monstro a servisse?"

Sylvana fez um gesto com a mão, como se dispensasse os pedaços opulentos de cadáver espalhados pelo chão. "Estou construindo um novo reino, Nathanos, composto por mortos Renegados, livres da escravidão imposta pelo Lich Rei. Você será meu campeão, e, juntos, lançaremos a imprecação do sofrimento sobre ele. Arthas responderá por seus crimes!"

Um sorriso perverso de escárnio contorceu os lábios ociosos. A névoa insidiosa que o controlava não mais existia, e ele cerrou os punhos ante a possibilidade de vingar-se do antigo mestre. A raiva e o ódio ainda consumiam seu coração, mas sua vontade pertencia a ele novamente.

Não. Não a ele.

A ela. Como sempre pertenceu.

As patrulheiras sombrias a serviço de Sylvana prepararam-se para atacar quando Nathanos pôs-se de pé. Ele deu um passo à frente e consentiu com a cabeça. "Pertenço à senhora, Dama Sombria. Por todos os meus dias."

* * *

Nathanos olhou para a mão esquerda. Restava pele e tendões suficientes para segurar um arco, e ensinar o mais desajeitado dos alunos a colocar nele uma flecha. Mas sentia que sua força havia diminuído. A matéria morta-viva continuava o processo inevitável de decomposição e, algum dia, deixaria de ser útil, ou apodreceria totalmente. Que serventia teria ele para ela, então?

Meu exterior decompõe-se, disse a si mesmo, mas ainda sei o que "dever" significa. "Dê as ordens, minha rainha."

Sylvana acenou com a cabeça. "Certa feita, Arthas forçou as Val'kyren a reanimar Cavaleiros da Morte para seu exército, num ritual muito mais potente que o que hoje utilizam para transformar cadáveres frescos em Renegados. Elas podem usar seus poderes para remodelar seu corpo e torná-lo mais forte, mais...resistente."

"As Val'kyren não poderiam fazer isso por todos nós?", perguntou.

Sylvana vislumbrou o semblante implacável da donzela guerreira fantasmagórica. "É um encargo árduo, que se mostram relutantes em aceitar. Sem a energia do Lich Rei a alimentá-las, creio que devam despender a própria essência para ter êxito." Voltou-se para ele. "Mas desejo que seja assim, e assim será."

Ele se aproximou da Rainha Banshee e observou sua expressão. Disse a si mesmo que era pelo simples prazer de provocá-la novamente. Mas estava mentindo. Ele queria algo a mais. "Se as Val'kyren podem fazê-lo apenas uma vez... por que eu?"

Seria dor a reluzir nos olhos dela? Se fosse, durou um apenas um instante, substituída por determinação e por uma vontade de ferro, inflexível. "Já disse. A Legião ameaça consumir a todos nós. Preciso que meus campeões estejam ao meu lado."

A satisfação que buscava era vulgar, sem dúvida. Mas algo agitava-se dentro dele toda vez que ela usava aquele título para se dirigir a ele.

"Então, diga à criatura para que se apresse", Nathanos falou com rispidez, "tenho patrulheiros a treinar".

Sylvana lhe concedeu o mais breve dos sorrisos antes de se voltar para a Val'kyr e consentir com a cabeça. A donzela se virou e se aproximou de um recanto na parede da sala do trono. A rainha sussurrou um encantamento, e as pedras se afastaram, revelando um corredor escuro. Aquela era uma das várias rotas que ela utilizava para se deslocar pela cidade em segredo, e ele suspeitava haver algumas outras que mesmo dele ela escondia.

Seguiram por um labirinto de retas e curvas projetadas para confundir pretensos assassinos. A Val'kyr parecia conhecer o caminho, impulsionada, talvez, pelos veios de poder sombrio a pulsar pelo Distrito da Magia. Com o tempo, a energia foi se tornando tão evidente que até ele podia senti-la.

Fizeram uma última curva e chegaram a um local sem saída. Com uma palavra e um gesto de Sylvana, abriu-se um caminho e eles avançaram.

As paredes do recinto continham prateleiras repletas de livros e utensílios mágicos que reluziam à luz da lamparina. Duas enormes placas de pedra jaziam sobre altares no centro da câmara. Uma estava vazia. Na outra jazia um humano vestido com roupas de baixo, amordaçado e lutando para se livrar das amarras de couro grosso. Ao lado da figura, havia peças de uma armadura bela e dourada, um martelo de guerra e um escudo. Nathanos percebeu o signo da Cruzada Argêntea gravado nos equipamentos. Embora obviamente indefeso, o prisioneiro não parecia ferido ou mutilado. Nathanos estalou a língua. Ele havia capturado ou matado inúmeros paladinos, em tempos idos, mas poucos foram deixados intactos como esse.

Apontando para o homem, o Arauto da Praga voltou-se para a rainha. "O que é *isso*?"

"Combustível", respondeu a Val'kyr em voz glacial.

Sylvana contornou o altar ocupado. "Um sacrifício é parte do ritual. Carne que seja... semelhante a sua." Ela parou próximo à cabeça do paladino e olhou para Nathanos fixamente.

Que tipo de teste era aquele? O que ela queria que ele visse? Nathanos aproximou-se, percebendo os traços do humano. A fronte grave, o queixo firme, o olhar determinado na luta para se libertar, todos lhe pareciam familiares.

Percebeu que o paladino se assemelhava ao que ele se recordava da própria forma humana. Tanto tempo havia se passado, desde seu despertar, que ele dava todas as memórias daquele tipo por perdidas. Mas olhar para aquele humano, agora, era como vislumbrar um reflexo do passado.

Seu passado...

Naquele instante, os olhos do humano cruzaram com os seus. Neles não havia medo — apenas desdém, e um sinal de que o reconhecera.

Nathanos curvou-se e retirou-lhe a mordaça. "Olá, primo."

A repulsa tomou o semblante de Stephon. "Implorei à luz que estivesse realmente morto, que sua alma pudesse descansar." Havia tristeza nas palavras, mas amargura também.

Nathanos riu por entre os dentes. "Diga-me, gastou a moeda de ouro que a General-patrulheira lhe deu?"

"Eu a guardei", respondeu o paladino com voz desafiadora. "Guardei-a por anos após a queda de Stratholme, após a devastação de Lordaeron pelo Flagelo, com esperança de que meu primo tivesse sobrevivido de alguma forma. Sempre perguntava o que tinha acontecido com você, sempre davam de ombros ou ofereciam um silêncio constrangedor. Então, passei a ouvir histórias de um horror conhecido como Arauto da Praga, que assombrava o Sítio dos Marris, à caça dos heróis da Aliança que buscavam restabelecer a paz. Temi que a criatura pudesse ter assassinado Nathanos e jurei arrancar-lhe a cabeça. Só quando ouvi, por acaso, dois refugiados da Vila das Flechas sussurrarem o verdadeiro nome do demônio, é que descobri o que você havia se tornado."

Stephon deixou suas palavras pairarem no ar. "E, naquele dia, eu joguei a moeda no rio." Ele cuspiu no chão de pedra.

Nathanos ficou em silêncio. Não havia motivo para negar a verdade. Ele tinha permanecido na fazenda por ordens de sua rainha, atraindo os inimigos à carnificina. Ele sentira um prazer especial em torturar os patrulheiros do contraforte setentrional, os mesmos Andarilhos com os quais ele servira e os quais comandara. O ultraje arrogante deles se esvaía enquanto morriam, ou se desfigurava numa careta espalhafatosa naqueles que foram reanimados como mortos-vivos. E, durante todo o tempo, não importava o quão nobre o herói ou o quão próxima tenha sido sua vítima, Nathanos não sentiu pena nem remorso. Não sentiu nada. Ele tinha cumprido seu dever, para o qual era muito apropriado. Suas vitórias tinham conquistado o favoritismo da Dama Sombria. Não havia nada mais que ele jamais pudesse pensar em querer.

Sylvana deu uma batidinha no ombro do prisioneiro, fazendo Stephon recuar ao seu toque. "Fui informada de que, desde que fez o juramento de cavaleiro, seu primo querido patrulhou as Terras Pestilentas perto daquela sua velha fazenda. Não foi pequeno o número de gente nossa que ele matou no processo." A voz dela ficou gélida quando se curvou mais próxima ao preso. "Eu poderia ter mandado meus patrulheiros acabarem com a vida dele, é claro, mas foi bom eu não ter feito isso. Agora este paladino servirá... a um propósito maior."

"Jamais vou me unir a você!" jurou Stephon, com os dentes cerrados.

"Não se preocupe, primo" disse Nathanos, as palavras sombrias e pesadas. "Não é o que ela tem em mente."

A Rainha Banshee sorriu. "Não exatamente." Sylvana não disse mais nada enquanto se afastava.

Enquanto observava o primo, desamparado diante dele, uma onda de algo que não lhe era familiar se assomou no peito de Nathanos. Pena? Não, ele sabia que era incapaz daquilo. Mas ele não odiava o paladino, não da forma como odiava outros homens vivos. Era orgulho, percebeu ele. Uma parte dele de fato estava *orgulhosa* que Stephon tivesse realizado o sonho que perseguira quando garoto. Mesmo que aquele sonho estive prestes a ser desfeito.

Nathanos fitou Sylvana e encontrou o olhar dela. Será que esse era o teste de verdade? Ela suspeitava que o amor pelo primo podia fazer com que ele a traísse? Será que ela imaginava que ele, no momento de decisão, podia desistir de tudo num reflexo final e desesperado de humanidade?

Mas é claro que não havia escolha. Os caprichos de um homem morto havia muito tempo não podiam afastar Nathanos Arauto da Praga de seu juramento.

"Vamos logo com isso, então" vociferou ele enquanto se dirigia ao altar vazio.

"A Luz vai me salvar!" bradou Stephon, mas o desespero crescente em sua voz fez dele um mentiroso.

"A Luz não pode encontrar você aqui, garoto" respondeu Nathanos, com os olhos fixos em sua rainha. "Juntos, abraçaremos as trevas."

Silenciosamente, a Val'kyr planou até parar entre o homem que lutava pela vida e o morto-vivo taciturno. Nathanos encarou a donzela, seu semblante inflexível uma máscara escondendo a angústia da incerteza que azedava dentro dele. Com asas estendidas e braços levantados, a Val'kyr parecia preencher toda a câmara. Ela entoou palavras guturais numa língua antiga, a voz num canto fúnebre lancinante que ainda ecoava com o poder do Lich Rei. O espectro se assomou às placas de pedra, com lampejos de azul e dourado pulsando das mãos. Com os dentes expostos, o mundo de Nathanos explodiu numa cacofonia de fogo e dor.

Muita dor.

* * *

Quando a maré de agonia recuou e ele recobrou os sentidos, os olhos de Nathanos se abriram num movimento rápido e a sala ganhou forma.

A Val'kyr estava de joelhos em um dos cantos. A criatura, que parecera tão imensa e implacável, agora parecia pequena e indefesa.

A Dama Sombria estava perto dele. "Como se sente, Arauto da Praga?"

"Morto" respondeu ele secamente. "Embora não tanto quanto estava."

Ele falou com a voz de um estranho. Não soava como a fraqueza opressiva de cordas vocais meio paralisadas nem tampouco como o tom vibrante de um homem vivo. Não era a voz de uma banshee, apesar de ressoar com um toque daquele comando.

Os olhos de Sylvana brilharam com intensidade. "Levante-se, campeão!"

Ele tirou as pernas da mesa ritual de pedra. Um leve suspiro escapou de seus lábios quando ele ficou de pé, apoiando-se em membros que não pareciam exatamente como dele mesmo. Como uma criança abrindo um presente, arrancou a luva da mão esquerda e encarou admirado enquanto dobrava os dedos.

Não havia nenhum osso projetado. Nada de carne pendurada ou músculos dilacerados. Não era uma mão viva, mas estava inteira e forte.

Uma mão digna do campeão da rainha, decidiu Nathanos.

Ele subiu com a mão até a bochecha e a tocou. Em vez da pele seca e fina como papel que pendia frouxa do crânio, ele encontrou carne com substância. Suas pontas dos dedos exploraram uma mandíbula adornada com suíças fibrosas. Nathanos ficou maravilhado com a sensação. Era quase com tocar um humano.

Quase.

Ele se virou para Sylvana. "Como está minha aparência?" Ele tentou soar como se a pergunta não significasse nada para ele. Mas significava.

"Quanta vaidade, Arauto da Praga!" Havia diversão na voz dela, mas ele também sentiu que havia deleite. Será que ela estava satisfeita pela forte Val'kyr ter se curvado à sua vontade ou estaria simplesmente apreciando a aquisição de um novo brinquedo? Ela o guiou até um enorme espelho oval pendurado na parede numa moldura adornada. "Veja você mesmo."

Como general-patrulheira de Luaprata, Sylvana tinha desenvolvido um gosto especial por espelhos. E por que não? Mesmo pelos altos padrões élficos, a segunda das três irmãs Correventos tinha sido de uma beleza rara. Lordes de incontáveis casas nobres quiseram sua mão. Dizia-se que até mesmo o Príncipe Andassol a tinha desejado.

Mas os reflexos não adiantavam muito para os mortos. Eles só serviam para lembrar os Renegados da aparência repulsiva, a carne decomposta que fazia outras raças se contorcerem de aversão. Os mortos-vivos personificavam o destino inescapável que aguardava todos os vivos, de que um dia seus corpos estariam estirados no chão apodrecendo... a não ser que fossem chamados a servir a Rainha Banshee.

Sylvana ainda mantinha alguns espelhos em suas salas, é claro. Embora sua elegância clássica tivesse se perdido na morte, sua forma morta-viva conservava um encanto sombrio que Nathanos considerava cativante. Mesmo entre seus rivais odiados nos reinos mortais, ele sabia muito bem que havia hipócritas que, enquanto depreciavam publicamente o reino dela e desdenhavam dos Renegados, em particular trocavam sussurros fascinados sobre a Dama Sombria. E, embora ela jamais fosse permitir que eles percebessem, ele suspeitava que alguma parte dela há muito enterrada sentia prazer com essa atenção.

Nathanos olhou fixamente para o espelho. Seu rosto estava amarelado e esquelético, mas a carne parecia intacta. Pela primeira vez desde sua morte, ele estava ereto e alto, não encurvado como um idoso decrépito. Se não fosse o brilho vermelho dos olhos, a luz indistinta da Cidade Baixa podia ter permitido que ele fosse confundido com um humano.

Essa transfiguração o agradava, mas ele não via motivo para deixar Sylvana saber. "Acho que dá para o gasto." Ele viu o sorriso dela murchar por um instante, substituído por um lampejo de raiva, depois a volta da satisfação.

"Você vai derrotar mil demônios em nome da sua rainha!" proclamou ela.

Os instintos dele lhe diziam que ela estava certa. Sua nova força serviria bem a ela na guerra por vir. E, depois da vitória, se ele tivesse muita sorte, eles morreriam suas mortes verdadeiras e abraçariam a danação juntos.

Então ele percebeu que o rosto para o qual olhava não era totalmente dele. Ele se virou para a segunda mesa ritual, vazia a não ser por um pouco de cinza e algumas manchas de resíduo oleoso. Os armamentos do paladino, antes diligentemente polidos, agora jaziam gastos e espalhados no chão. Nathanos disse a si mesmo que eram meramente os detritos de um inimigo abatido. Apenas isso e nada mais.

"Você ficou apegado às vestimentas esfarrapadas de sua antiga vida por tempo demais" declarou a Dama Sombria, e ele sabia que era verdade. Por que ele tinha mantido o mesmo uniforme imundo que usara como homem... como Flagelo? Era simplesmente por não se importar o bastante em fazer uma nova armadura? Ou ele encontrara conforto num vestígio do passado?

Sylvana fez um gesto na direção de um canto escurecido e, pela primeira vez, ele percebeu a patrulheira sombria parada na borda da câmara. A Rainha Banshee era inteligente,

mantendo uma arqueira a postos para abatê-lo se o feitiço da Val'kyr tivesse dado errado. "Anya, acompanhe meu campeão ao depósito de armas e faça com que ele se equipe de forma condizente com a sua posição."

A patrulheira sombria obedeceu em silêncio, fazendo um gesto para Nathanos ir na frente. Ele assentiu para Sylvana quando saiu da sala, as feições dela acariciadas pelo brilho fraco da luz de lampião.

Depois de seguirem pelos túneis secretos, o par atravessou um longo corredor que se abria numa pista externa envolvendo a Cidade Baixa. Entrando na área comum, Nathanos logo reconheceu uma desvantagem de sua nova forma. Como suas outras faculdades, o sentido do olfato tinha ficado mais forte. Quando um grupo de três Renegados se aproximou, o fedor da carne podre quase o fez vomitar. Ele não tinha notado o cheiro da morte depois de acordar do ritual, mas ali fora, entre milhares de mortos-vivos, o odor o esmurrava em ondas.

Nathanos aguentou firme até o trio passar, em seguida fez um juramento silencioso de que nunca mais se permitiria ser pego desprevenido daquele jeito de novo.

Se Anya percebeu sua fraqueza, não mencionou o fato quando falou. "Faz tempo que não vejo a Dama Sombria tão satisfeita. No instante em que ela percebeu que as Val'kyren eram capazes de realizar tal ritual, ela mandou buscar você."

"Nossa rainha é sábia" respondeu ele com um aceno de cabeça. "Este corpo permite que eu a sirva melhor."

Anya riu, um som que arrepiou os pelos na nuca dele.

"Você não concorda?" quis saber ele, de forma ríspida. Pelo menos o gênio dele não tinha sido modificado pela Val'kyr.

"Não é isso." Ela deu de ombros.

"O que é, então?" Ele quase gritou as palavras, pois a patrulheira sombria parecia muito convencida para o gosto dele.

Ela suspirou. "Sim, agora a rainha tem um campeão mais poderoso. Mas não era isso o que ela mais queria."

Ele parou de andar e a encarou. Nathanos estreitou os olhos, enfurecido pela atitude evasiva dela. "Explique o que quer dizer com isso."

Os cantos dos lábios de Anya se levantaram numa curva atrevida. "Sylvana desafiou um reino para nomeá-lo lorde-patrulheiro. Ela percorreu as Terras Pestilentas para recuperá-

lo do Flagelo. E hoje ela lançou mão do recurso mais precioso para restaurar sua força. Pense nessas coisas, Arauto da Praga, e me diga como alguém tão esperto pode ser tão cego para a mais simples das verdades."

Nathanos a encarou de forma dura, com a mandíbula cerrada. Em instantes, o divertimento desapareceu do rosto dela. Patrulheira idiota! A rainha não se distraía com essas intenções frívolas.

Nem ele. Não importa que emoção seu coração mortal tivesse carregado, agora ele só tinha lugar para ira e desprezo. Ele era Nathanos Arauto da Praga, Campeão da Rainha Banshee. Ele quase sorriu ao pensar no caos que ia infligir aos seus inimigos.

Ele voltou a andar, com Anya seguindo num silêncio reprimido.

O som distante de aço se chocando contra aço aumentava num estrondo cacofônico enquanto eles entravam no Distrito Bélico. Instrutores gritavam com um novo grupo de recrutas recém-alistados que golpeavam bonecos de treinamento e o ocasional prisioneiro da Aliança. Nathanos tinha passado horas incontáveis transformando novatos assim em soldados embrutecidos, e não precisou de mais do que uma rápida olhada para julgar que essa safra era particularmente patética. Ele lançou um olhar zangado, jurando corrigir a incompetência deles, e então continuou para a sala do fornecedor.

As paredes de pedra da câmara tinham fileiras de prateleiras altas, cada uma delas com pilhas altas de equipamentos e armamentos. Nathanos procurou uma mistura de malha e couro que ofereceria ampla proteção sem atrapalhar seus movimentos. Escolheu peças verdes e cinzas para se disfarçar tanto na floresta quanto na sombra.

Quando se virou para sair, o brilho da luz de lampião no metal polido atraiu seus olhos à uma prateleira entulhada de armaduras. Ele tirou algumas peças até revelar um peitoral belamente forjado que estava limpo e bem conservado. Seus pensamentos voltaram ao ritual, ao altar vazio ao seu lado. À uma escolha.

Por um breve instante, ele sentiu o toque de algo exterior, inquietante. Uma sensação ausente desde o dia em que tinha morrido. Uma fraqueza de mortalidade que o tinha perseguido de forma imperceptível e havia, enfim, chegado à sua garganta.

Nathanos sentiu arrependimento.